

Contestando profecias: trajetória de jovens universitários de origem popular

VELEIDA ANAHÍ DA SILVA¹

vcharlot@terra.com.br

ANA M. F. TEIXEIRA²

a.f.teixeira@terra.com.br

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO:

O trabalho apresenta resultados de pesquisa realizada junto a jovens universitários regularmente matriculados na Universidade Federal de Sergipe (UFS), única universidade pública do Estado. Trata-se de jovens estudantes, oriundos das camadas populares, que participam do *Programa Conexões de Saberes* que articula ações destinadas a acolher esses estudantes identificando seus saberes e principais dificuldades para permanência nas universidades federais sob a perspectiva de superação da dicotomia entre saber científico e saber popular. O percurso escolar da maioria desses jovens encontra-se continuamente submetido a “tensão e descontinuidade”. Apesar da escassez das pesquisas, observa-se, no Brasil, um número crescente de jovens que escapam do círculo vicioso que associa pobreza e escolaridade de curta duração e chegam à universidade pública. O que favorece a alguns jovens fugir do “destino” de marginalidade e exclusão a que esses setores da sociedade estão “sentenciados” e chegar ao ensino superior público? Para enfrentar essas questões optamos por um recorte metodológico de natureza qualitativa colocando no centro da análise o depoimento desses jovens.

PALAVRAS-CHAVE:

Jovens de origem popular, Educação, Universidade, Trajetória.

CONSTRUINDO UM PONTO DE PARTIDA

As recentes transformações que marcam a sociedade contemporânea, tais como a redução do papel do Estado nas áreas sociais, a reestruturação do trabalho, o desemprego estrutural e o aumento do emprego informal, tem afetado intensamente a juventude dos setores mais empobrecidos da sociedade, com reflexos mais perversos nos países de economia periférica, tal como é o caso do Brasil. Em contrapartida amplia-se a demanda por mão-de-obra escolarizada e qualificada³.

Nesse quadro o acesso à educação a níveis cada vez mais elevados, tais como o 3º grau, emerge como fator relevante, ainda que não determinante, nas trajetórias traçadas pelos setores jovens. Entretanto, examinando a experiência educacional vivenciada por jovens de origem popular, evidenciam-se o abandono e a repetência escolar acentuando a distorção idade-série, tão comum nessa população.

O percurso escolar da maioria desses jovens encontra-se continuamente submetido à experiência do “eterno retorno” à escola, ou simplesmente à exclusão do sistema público de educação (Spósito, 1994). Além disso, “tensão e descontinuidade” caracterizam o percurso escolar da maioria dos jovens das classes desfavorecidas. As lacunas no ensino, associadas a outras no plano dos direitos sociais e políticos, além do caráter dual do financiamento da educação (público e privado), são alguns dos elementos que contribuem para aprofundar as desigualdades no acesso de jovens

dos setores populares à educação de nível superior (Charlot, 2000).

Ampliam-se as exigências por uma maior e melhor escolarização sem que esses padrões impliquem, necessariamente, garantias de inserção, ascensão e estabilidade sócio-profissional mesmo que, simultaneamente, sejam considerados como requisitos básicos para melhores condições de competitividade e empregabilidade no mercado de trabalho. Simultânea e contraditoriamente, segundo van Zan ten (1999, citada por Zago, 2006), aprofundam-se as desigualdades de escolarização entre as classes sociais. É exatamente o aprofundamento dessas desigualdades que tem estimulado novas investigações no campo das ciências da educação enfocando a questão do jovem universitário de origem popular.

Apesar do escasso número de pesquisas preocupadas em analisar o modo como jovens contrariam o círculo vicioso do senso comum em que pobreza e escolaridade de curta duração são sinônimos, é possível observar um número crescente de jovens que conseguem escapar desse círculo vicioso e chegar à universidade pública. Sob esse aspecto, a multiplicação de programas voltados a contribuir para que esses jovens possam permanecer na universidade tem se constituído em um dos elementos que apontam para reconfiguração desse panorama. Isso porque a aprovação no exame vestibular muitas vezes carrega um duplo significado para essa população: de um lado representa a conquista de um sonho, de um objetivo, a possibilidade de reescrever o futuro tomando a escolarização como via de mobilidade

social; por outro lado, representa o anúncio de que novas adversidades estão por vir, uma vez que as dificuldades socioeconômicas não se resolvem automaticamente com o ingresso no ensino superior.

Tal como nos sugerem Bori e Durham (2000), o fato é que as barreiras de acesso e permanência ao ensino superior público têm sido quebradas por um grupo de estudantes pobres. O que favorece a alguns jovens fugir do “destino” de marginalidade e exclusão a que esses setores da sociedade estão “sentenciados”? Qual o caminho percorrido por esses jovens até à chegada à universidade pública? Quais os impactos e os significados da participação em programas que objetivam assegurar a permanência desses jovens na universidade? Em que medida “fazer parte” de um desses programas interfere na relação com o saber acadêmico? Esses são alguns dos aspectos que nos interessa discutir a partir dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa: jovens de origem popular que ingressaram na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e que estão inseridos como bolsistas em um dos programas do setor de extensão doravante intitulado *Programa Conexões de Saberes*.

OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

PERCURSO METODOLÓGICO: SITUANDO O CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Considerando que o recorte básico da pesquisa esteve em colocar no centro das análises as trajetórias de jovens oriundos de camadas populares que ingressam na universidade pública, sua experiência de ingresso no universo do saber acadêmico, bem como os reflexos que a inserção num programa voltado a favorecer a permanência destes no ensino superior, optamos por um viés essencialmente qualitativo.

Desse modo, a fala dos jovens em sua pluralidade interpretativa assumiu a condição de matéria-prima capaz de revelar suas expectativas, representações, frustrações, a relação com a comunidade de origem, a imagem de si e dos outros, o significado da participação no *Programa* a partir de sua posição social “de origem”.

Visando esses objetivos os jovens foram estimulados a escrever um Diário Balanço do Saber, espaço dedicado a registrar livremente suas experiências nas atividades do *Programa* e na convivência entre

colegas de curso, as descobertas, dificuldades, conquistas nessa transição entre os dois mundos: a comunidade e a universidade. Além disso, nos servimos das “Caminhadas”, registro escrito em que todos os jovens participantes do *Programa* (nacionalmente) devem elaborar suas histórias de vida.

Um outro instrumento de produção e coleta dos dados foram os grupos focais realizados nos meses iniciais de ingresso do jovem no *Programa* (maio de 2006). O grupo-focal⁴ funciona como um grupo de discussão orientado por um roteiro flexível.

Considerando que no conjunto dos jovens há uma predominância do sexo feminino procuramos, sempre que possível, assegurar certo equilíbrio ao definirmos a escolha dos Diários⁵ que seriam analisados e a própria composição dos grupos focais.

Os sujeitos centrais da pesquisa são, portanto, jovens estudantes universitários de origem popular, bolsistas do *Programa Conexões de Saberes* na UFS. Esses jovens são também os sujeitos e o objetivo do próprio *Programa Conexões de Saberes*, simultaneamente, são aqueles que materializam as ações formuladas pelo *Programa*.

PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES:

DESTACANDO ALGUNS DADOS

A escolha desse Programa deveu-se a suas características gerais e abrangência nacional. A fim de melhor situar os relatos construídos pelos jovens apresentamos, brevemente, o histórico e os objetivos do *Programa* do qual participam.

O *Programa Conexões de Saberes* originou-se do projeto denominado Rede de Universitários de Espaços Populares, formulado em 2002, pelo Observatório de Favelas/RJ. Em 2003, foi desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, com financiamento do Programa de Extensão Universitária do MEC (Ministério da Educação e Cultura). No ano seguinte passou a ser desenvolvido em cinco universidades federais com a parceria da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad). Em Maio de 2005, nove universidades foram incluídas e, em 2006, mais dezessete ingressaram, totalizando, atualmente, trinta e uma Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Acompanhando a tendência educacional contemporânea que se encaminha para a superação da

dicotomia entre saber científico e saber popular, o *Programa* concede bolsas de extensão aos estudantes universitários oriundos de comunidades populares, para que protagonizem ações junto às comunidades de origem; desenvolvam atividades acadêmicas voltadas a identificar, avaliar e propor políticas de acesso e permanência de estudantes de origem popular nas universidades federais; valorizem suas trajetórias pessoais, escolares e comunitárias e os saberes daí decorrentes.

O objetivo geral é ampliar a relação entre a universidade e os moradores de espaços populares, de suas instituições e organizações, promovendo a troca de saberes e fazeres entre esses dois territórios socioculturais. Para esse fim as ações se dão em torno de três eixos estratégicos: institucional, formação e comunitário.

Na (UFS) o *Programa* teve início em 2006 com 25 jovens: 15 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. São eles os sujeitos dessa investigação.

MUNDOS QUE SE ENTRELAÇAM: DESVENDANDO A TRAJETÓRIA DOS JOVENS

A análise do conjunto do material nos permitiu focalizar a caminhada dos jovens bolsistas até à UFS e as suas atitudes, medos e sonhos no início do *Programa*. Partimos da leitura das “Caminhadas” redigidas por eles, dos grupos focais e uma exploração dos seus Diários no que tange a esses temas.

FORJANDO “GUERREIROS” DE TODO DIA:

HÁ UMA VIDA ANTES DE CHEGAR À UNIVERSIDADE

Certamente a vida desses jovens não teve início ao serem aprovados no vestibular da UFS. O caminho percorrido até esse momento é longo, tal como mostram os registros encontrados nas “Caminhadas”. Em geral, os relatos evidenciam os múltiplos obstáculos enfrentados pelo próprio jovem e por sua família, as redes de solidariedade e apoio, composta por amigos e parentes, que atuam como suporte material e emocional-afetivo capaz de gerar possibilidades (e apenas possibilidades) para superação dessas dificuldades e carências. De fato, a família ocupa um papel central nas “memórias” escritas pelos jovens.

A análise evidenciou basicamente 4 perfis de jovens. Um perfil que chamaremos de “típico” e 3 outros que se afastam progressivamente dessa regularidade. Não se trata de construir categorias para classificar os jovens, mas sim identificar e compreender os vários *processos* que estruturam a trajetória de vida dos estudantes. A referência a um perfil “típico” procura sintetizar um conjunto de eventos de mesmo tipo que afetaram os jovens e foram superados através de recursos psicossociais semelhantes.

Uma primeira característica do perfil “típico” desses jovens é a vida permeada pelas dificuldades e, muitas vezes, por muito sofrimento. Não faltou apenas o dinheiro, mas também, muitas vezes, o pai. A separação dos pais marcou as suas histórias e foi ainda mais difícil de ser suportada quando o pai foi substituído por um padrasto odiado — embora se encontrem também nas “Caminhadas” padrastos respeitados, que ajudam os enteados. De fato, em todas as famílias, incluídas as de classe média, esse tipo de separação é para os filhos um evento penoso, até traumático, mas quando se trata de famílias pobres a ruptura não é somente afetiva, é também socioeconômica.

Meus pais separaram-se bem antes do meu nascimento. (...) Mal eu sabia que o inferno pior estava por vir, somando um pai ausente e anódino a um padrasto falso moralista que não dava a mínima para valores éticos e morais e que a partir de então eu teria que suportá-lo todos os dias, porque minha mãe levou-me forçosamente para morar com eles e meu irmão.

A minha mãe, ao ficar grávida, foi posta pra fora de casa e sozinha passou a lutar contra todos que não aceitavam meu nascimento. Morou na rua, pediu esmolas, foi doméstica, trabalhou em mercadinho e assim foi vivendo, passou fome, mas sempre me alimentou, me agasalhou quando tive frio, me deu remédio quando quase morri, fez promessa quando não viu saída, me deu amor sem saber ainda o que era isso, foi humilhada e sofreu preconceitos por causa da barriga, mas a heroína da história foi forte e hoje estou aqui para contar a minha história

Outros acontecimentos sacudiram a vida de alguns bolsistas: a seca, o acidente do pai ou do

próprio jovem, os assaltos, o estelionato sofrido pela família, etc. Algumas “Caminhadas” relatam uma seqüência de dificuldades e infortúnios dessa natureza.

Mesmo quando as histórias não estão carregadas de miséria, acidentes ou assaltos há o registro de situações que provocaram sacrifícios que compõem o que podemos chamar de sofrimentos escolares de origem familiar que levam os jovens a concluir: “não tive infância”.

Lembro que por causa do trabalho, meus pais nunca compareceram a nenhuma reunião ou evento do colégio. Mesmo quando eu chorava para que minha mãe me fosse ver dançar quadrilha ou no dia das mães, ela nunca podia, e das vezes que ela tentou ir, sempre chegava tarde, quando já tinha acabado quase tudo. (...) Lembro-me que (...) meus livros, fardas, mochilas, etc., eram de segunda mão, porque como minha irmã mais velha estudava uma série antes da minha, eu sempre ficava com a maioria das coisas usadas por ela. (...) tudo meu era velho, eu era pequena e talvez por isso não entendesse.

Aqueles que conseguiram escapar por curtos períodos de tempo à sua situação social frequentando uma escolinha particular ou católica, encontraram aí outra forma de sofrimento: a vergonha e o medo do preconceito advindo da origem de classe.

Esse convívio fez nascer em mim certa vergonha da minha origem, perdi as contas de quantas vezes inventei uma desculpa qualquer para não levar os meus coleguinhas para a minha casa, de quantas vezes escondi os meus livros do resto da turma para que eles não percebessem que eram de segunda mão, com receio de ser taxada de pobre e ser discriminada. Foi todo esse processo que me fez tomar consciência de quão é excludente a sociedade (...).

Diante do panorama descrito nos interrogamos: como esses jovens escaparam ao seu destino de curta escolarização e fracassos diante de probabilidades tão escassas?

No centro da resposta está a família e muito frequentemente a figura da mãe tem significado singular. A família é representada nos escritos dos jovens como “guerreira”, “lutadora”, e a encarnação desses

elementos está sintetizada no exemplo da figura materna, na grande maioria das “Caminhadas”.

O empenho em dar prosseguimento aos estudos está também frequentemente relacionado à figura da mãe⁶ que se desdobra na “luta” para que os filhos permaneçam na escola.

Tivemos uma criação em que todos são iguais, o que pode ser feito pra um é feito por todos e comecei a estudar desde cedo. Minha mãe sempre disse que o que temos de mais importante na vida, claro que depois de Deus, são os estudos e como não tinha condições de nos oferecer outro bem pelo menos não nos deixaria sem o estudo para que pudéssemos ter um emprego melhor futuramente.

Não sei quando decidi cursar uma universidade, mas desde muito cedo sabia que queria ter uma profissão que realmente amasse, acredito ter sido pelo fato de minha mãe sempre colocar, para minhas irmãs e eu, que o estudo vinha em primeiro lugar e apesar de ter estudado todo o ensino fundamental e médio em escola pública e sofrido os percalços que elas possuem, nunca me tiraram o prazer de estudar e conseguir mudar a minha vida através dele.

Além da mãe, às vezes do pai ou da avó⁷, outras pessoas desempenharam um papel importante no sucesso do jovem: professores ou outros funcionários da escola.

Inconformada, a coordenadora decidiu oferecer um desconto de quase 70% para que eu pudesse estudar em uma escola mais preparada e assim aconteceu. Eu ganhei a bolsa e passei a frequentar o mesmo colégio que meu irmão. (...) Minha mãe, figura importantíssima na minha vida, assim como todos os professores que sempre me auxiliaram, sempre me incentivaram a estudar, que eu deveria aproveitar todas as oportunidades.

Os jovens bolsistas de perfil “típico” têm um princípio: a vida é um combate permanente e devemos “lutar constantemente por nossos objetivos sem jamais desistir, apesar dos obstáculos que aparecem no nosso caminho”. Lutar, ser guerreiro, a exemplo da sua mãe ou de seu pai, é o único caminho para o sucesso, é também o meio para manter a sua

dignidade quando se é pobre e, afinal, a via para ser feliz, apesar das dificuldades da vida. Mas, nem todos os jovens se enquadram nesse perfil “típico”.

Outros processos, diferentes dos analisados acima, contribuíram para estruturar a história de outros jovens envolvidos, em geral, num contexto menos turbulento. Podemos identificar três casos que se afastam do quadro traçado, falamos de: João, Carla e Bernardo.

A vida de João, ao contrário da grande maioria dos jovens bolsistas, foi marcada pela felicidade. Afinal deve-se considerar a força explicativa da felicidade como a da miséria quando se trata de compreender o ingresso na UFS.

Ora, cresci numa típica comunidade popular, ou numa sociedade comunitária (...) quem vive a nossa vida não somos apenas nós, mas todos os integrantes da comunidade (...) vivi sempre rodeado de amigos (...). A minha infância foi maravilhosa. (...) Entre os doze e catorze entrei num conjunto musical batizado de *consciência negra* (...). Enquanto fazia isso, mostrava à minha cidade as habilidades com a bola de futebol. Era considerado um dos melhores jogadores da cidade (...). Aos dezoito anos aprendi a gostar de ler e a filosofar. Desde então decidi prestar vestibular pela Universidade Federal de Sergipe. Consegui ser aprovado em letras vernáculas.

A vida em “comunidade”, o reconhecimento por suas habilidades no futebol, a cumplicidade dos amigos, as atividades em grupo e o sentido de pertencimento a uma “sociedade comunitária” parecem ter funcionado como a fonte de força de que João se serviu para continuar avançando. Diferente da trajetória “típica” em que a “força”, “o espírito guerreiro” emana dos exemplos da família, aqui é a continuada inserção em grupos, o sentido de “comunidade” que ocupa esse papel. Some-se a isso o voluntarismo que leva João a considerar que o “caminho sou eu que faço”⁸.

Observando o que registra em sua “Caminhada”, Carla nunca fez parte do elenco de boas alunas, se aproximando mais, segundo o seu olhar sobre si mesma, do perfil de “aluna problema”. Foi reprovada, mas encontrou, na quarta série do ensino fundamental, uma professora “compreensiva” e sem saber o que acontecia “comecei a criar gosto pelo estudo,

ainda muito pouco, mas o suficiente para passar de série”. Mais tarde, já no ensino médio, encontrou “uma equipe de professores exemplares” que produziu um interesse maior pelos estudos:

Foi aí que comecei a me dedicar ao estudo, ainda não tinha um objetivo claro, mas tinha esperança de melhorar de vida. Então comecei a estudar bastante, parei de fazer faxina e comecei a ensinar banca (...). Concluí o ensino médio e fiz vestibular para Letras Portuguesas, escolhi este curso por identificação com a disciplina. A verdade é que eu me identificava mesmo era com a forma que a disciplina era lecionada pela minha professora no ensino médio⁹.

No caso de Carla a fonte de mobilização escolar, tardia, mas persistente, não são comunidades, são professores que, funcionando como mães simbólicas, sustentam a trajetória escolar da jovem que atualmente cursa Pedagogia para tornar-se professora e talvez continuar o trabalho de suas mães simbólicas. Mas, além disso, o voluntarismo também é perceptível aqui, pois é dessa forma que Carla finaliza seu escrito:

Quero dizer que para chegar aqui não foi fácil, trabalhei de doméstica, professora de banca, professora de EJA¹⁰, costurei, bordei, negocieei. Mas nem por isso desisti.

Um terceiro caso se distancia ainda mais do perfil “típico” do jovem de camada popular que ingressa na UFS, é a situação de Bernardo. Ele não tinha projeto algum de entrar na universidade, até recusava essa idéia, mesmo depois de ser estudante da UFS! Ele é um daqueles que resistem a seu próprio sucesso escolar. Provavelmente Bernardo se deparou com a seguinte interrogação: Quem se forma, muda e “melhora de vida” trai suas origens, seus pais analfabetos, os amigos que não prosseguiram a escolarização, trai a si mesmo? (Ver, por exemplo, Charlot, 2005).

Hoje eu tenho uma nova perspectiva sobre a universidade. Não busco certezas, mas compreensão. O resumo da idéia seria este: eu não queria fazer parte do privilégio. A universidade é um privilégio e isso para mim é indiscutível — mais ou menos... Fazer parte deste universo seria contradizer o que eu

esperava desde o 1º grau, ou seja, estar entre os meus iguais. (...) Sempre achei a universidade um caminho egoísta e omisso. (...). Talvez seja por isso que os meus primeiros tempos na universidade tenham sido tão vazios, sem propósitos. Mal prestava atenção às aulas e muito menos reconhecia qualquer valor na instituição.

Foi preciso que Bernardo descobrisse que poderia fazer uso da universidade e de suas potencialidades sem que isso fosse sinônimo de traição. Essa possibilidade de, senão superar, conviver com a tensão entre esses mundos se apresentou com sua inserção no *Programa Conexões de Saberes*. Ele teve a oportunidade de trabalhar com comunidades de baixa renda e perceber que sua formação universitária poderia estar engajada a sua origem social. Sob vários aspectos fazer parte do *Programa* foi essencial para que as tensões entre os ideais e a vivência pudessem ser enfrentadas sem virar um traidor e reforçando o voluntarismo presente aqui também.

No caso de Bernardo o voluntarismo se estabelece numa relação estreita com o ideal sociopolítico, lutar para mudar a sociedade e não mais a partir do exemplo da mãe, da admiração por professoras ou da participação em comunidades.

Também sei que os planos para o futuro dependem do que fazemos agora. Esperar era uma atitude passiva que não cabe mais.

Em suas diferentes “Caminhadas” os jovens encontraram seus “anjos guerreiros” que, de um modo ou de outro, sustentaram a trajetória de mobilização escolar. É certo que essas referências tiveram papel importante no ingresso numa universidade pública, mas é preciso não obscurecer o papel a ser cumprido pela escola. A história de muitos dos jovens foi “uma jornada de esperança depositada nos estudos”. “De imediato gostei da escola”, dizem, “sempre fui um bom aluno”, “sempre gostei de estudar”, “sempre fui uma aluna aplicada e dedicada”.

Não há determinismo na história dos jovens bolsistas. A lógica é outra que não a da ligação entre causa e efeito. Trata-se de um processo interativo e cumulativo amplo, que se desenrola no tempo: a mãe insiste na importância dos estudos e quando este chega à escola, ele gosta, assume um papel de

bom aluno, é elogiado e encorajado por professores, ganha confiança em si, apropria-se dos discursos a favor do estudo e constrói um sonho que, mais dia menos dia, desemboca em um desejo de vestibular e de universidade federal.

A história escolar dos jovens, portanto, é uma história familiar e por isso uma história social. Uma história em que o vestibular é vivido como sucesso ou fracasso familiar durante anos, dado que a maioria deles não conseguiu aprovação na primeira tentativa.

Não foi fácil ouvir as piadas e risadas que deram pelo meu fracasso, o suporte que recebo de minha mãe, irmãos e alguns amigos me motivaram a continuar a batalha.

Depois que passei no vestibular e entrei aqui na UFS minha mãe depois de 40 anos parada voltou a estudar, na alfabetização de jovens e adultos.

Por outro lado, não há determinismo algum na história desses jovens. Aliás, se houvesse, não teriam ingressado na UFS. Entretanto, para vencer as carências e toda sorte de obstáculos existentes na trajetória desses sujeitos foi necessário querer, desejar.

Ao nos debruçarmos sobre as “Caminhadas” podemos localizar uma pista do que foi necessário para querer e desejar: viver numa família guerreira, que incentiva os estudos e encontrar pessoas que apostam em você são processos potentes que agem a contracorrente do destino social aparente. Mas não funcionam de forma automática, na exterioridade. A mobilização escolar da família e de alguns professores nem sempre é eficaz, apenas produz efeitos quando é interiorizada, apropriada pelo próprio jovem. Portanto há, igualmente, uma dimensão individual em que sacrifícios, sonhos e esforços se encaixam para que seja possível perseguir o objetivo de “entrar na universidade”.

PASSEI NO VESTIBULAR!!! ENTRE A CONQUISTA E OS NOVOS DESAFIOS

Esses jovens de origem popular que ingressaram numa universidade federal fazem parte de um amplo setor da sociedade brasileira para quem são extremamente limitadas as probabilidades sociológicas de aprovação no vestibular e mais ainda se

falamos de uma universidade pública federal. Por outro lado, poderíamos dizer que esses jovens representam o que a sociologia convencionou chamar de êxitos atípicos: o sucesso é obtido a custo de muito esforço, sofrimento, obstinação e “luta” contra o fatalismo de destinos sociais.

Para constituir essa resistência à fatalidade do “fracasso” foi necessário que esses jovens tivessem um objetivo bem delimitado: ser aprovado no vestibular, e para isso foi preciso cultivar uma dose considerável de “teimosia” para contrariar todos os prognósticos desalentadores que se traduzem nas estatísticas educacionais, e também aquela descrença difusa que circula entre amigos e parentes.

Eu era teimoso e sempre acreditei em minhas possibilidades, lutei pelo que acreditei, tanto que eu trabalhava na feira fazendo carregamento porque sabia que não seria possível tirar do orçamento familiar o dinheiro para pagar a taxa de vestibular e comprar os livros que eu iria precisar. Me recordo muito bem que nem na biblioteca municipal nem na da escola existia um exemplar que fosse dos livros de literatura exigidos para o concurso. Trabalhei seis semanas para comprar o primeiro livro (...).

Superar a barreira do vestibular é conquista e glória coletiva, da família, mas também é vitória individual. O jovem vitorioso experimenta, de forma simbólica, o prazer de contradizer todas as tendências, de sentir-se fortalecido, preparado para enfrentar as novas dificuldades que acompanham a aprovação no exame.

Consegui passar no vestibular de 2005 para o curso de Geografia. Para uma família de pessoas pobres, ter um membro dela em uma Universidade é algo raro e ser o primeiro a ingressar em uma instituição como essa traz um peso muito grande (...).

Isto me fez sentir-me grande como o mar que é incansável, pois mesmo com os contratemplos, sem uma boa base de ensino e tentando vestibular pela primeira vez, consegui concretizar um grande sonho. Sem falar, não posso negar, o sabor da vitória, principalmente o prazer de mostrar para todos que descreditaram do meu potencial que venci a batalha.

Passada a merecida comemoração a realidade apresenta os novos desafios: de ordem material — recurso para financiar os custos da vida universitária; de ordem cultural — o descompasso cultural entre seu mundo e o mundo intelectualizado da classe média; de ordem afetiva — morar longe da família muitas vezes pela primeira vez. Mas há também os novos amigos, as novas experiências, as descobertas.

Vivi e vivo a UFS como se fosse o primeiro dia de aula. Na academia fiz grandes amigos, conheci verdadeiros mestres, encontro muito saber e obstáculos (...) sei que sonhos são assim, difíceis de serem realizados.

A partir daí travei outra batalha, minha mãe realmente não podia me manter (...) Pedi residência e por uma graça divina entrei, pela primeira vez fiquei longe daqueles que estiveram comigo em todos os instantes (...) foi difícil enfrentar as mudanças que viriam, falta de dinheiro pra adquirir material, passe escolar e até mesmo alimentação logo no início. (...) A residência também me deu muitas coisas boas, possibilitou que eu crescesse e começasse a ter uma vida independente, sem falar que tive grandes felicidades e encontrei nela pessoas muito queridas (...).

Os jovens se dão conta que a luta continuaria e muitas vezes já não se conta com a família, com a comunidade, com as referências de grupo que contribuíram para continuar “guerreando” até o vestibular. Ao mesmo tempo eles convivem com a sensação de que passar no vestibular não é sinônimo de fazer parte do mundo acadêmico, a tensão entre os mundos se evidencia e é vivida como mais um sofrimento, como estar perdido. Eles buscam o equilíbrio entre esses mundos na perspectiva de que a vitória no vestibular possa produzir transformações não apenas em sua própria vida, buscam uma universidade voltada aos setores populares.

Nos registros das “Caminhadas” o ingresso no *Programa* parece responder, mesmo que parcialmente, a essa tensão. Aí eles encontram outros jovens vindos do mesmo mundo e a possibilidade de interferir na realidade de comunidades populares. Mas essa é também uma descoberta que exige tempo já que vários jovens ingressam no *Programa* sem saber exatamente o que ele propõe. Portanto,

a expectativa em relação ao *Programa* também muda ao longo do tempo.

MAS O QUE É A “VIDA” UNIVERSITÁRIA E VIVÊNCIA NO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES: ESCUTANDO O QUE DIZEM ESSES JOVENS

Quais as expectativas desses jovens universitários em relação ao *Programa* e às possibilidades de dar sentido à formação acadêmica? A questão financeira estaria direcionando o interesse? Enfim, quais os motivos, representações e expectativas dos jovens? Procurando responder a essas questões recorremos aos Diários Balanço do Saber.

A leitura e categorização a partir dos Diários nos mostrou que para 45,9 % dos jovens entrar no *Programa Conexões de Saberes* estava relacionado ao interesse em ter uma primeira experiência profissional em que a solidariedade pudesse ser exercitada. Essa vinculação entre primeira experiência profissional e o ingresso no *Programa* aparece relacionado com a idéia de ter uma carreira profissional, uma carreira construída no tempo para a qual se exige o domínio de uma série de conhecimentos e habilidades que apenas a formação universitária pode proporcionar e validar. Aí emerge a expectativa de fugir à lógica anterior de trabalhos provisórios e precários a que quase todos os jovens estiveram expostos.

Em seguida aparece o aspecto financeiro (13,6%): a bolsa assegurada pelo *Programa* permitiria custear ao menos parte dos gastos com a “vida universitária”. A possibilidade de continuar lutando pelos sonhos (10,2%) e, finalmente, a satisfação em participar de atividades envolvendo comunidades populares (6,8%) são os outros motivos que emergem dos Diários¹¹.

Além dos Diários foram organizados dois grupos focais¹², reunindo diferentes jovens do *Programa*. O que “andava nas cabeças” dos jovens nos primeiros meses de participação? Quais as representações em relação às experiências propostas? Esses aspectos foram explorados nos grupos focais quando os jovens puderam se expressar livremente¹³.

Sempre venho trabalhar feliz, não é uma coisa que tenho que vir forçada, é a minha primeira experiência, estou muito empolgado.

Eu não sabia que poderia ser tão legal, a cada dia está sendo uma surpresa muito interessante e maravilhosa.

Agora, o medo, não tem como, primeiro dia que você vai entrar numa sala de aula fica imaginando, a ansiedade é terrível.

A gente vê muita teoria, fico ansiosa para chegar e colocar na prática de tudo que estou aprendendo na universidade (...).

De fato observamos a presença de diferentes “sentimentos”: o entusiasmo, o prazer diante das possibilidades de interferir na realidade dando sentido a todas as “teorias”, se mistura ao medo e a angústia diante do que é novo e desconhecido, como “dar aula”¹⁴. Some-se a isso a ansiedade em relação a sua própria capacidade em atingir os objetivos internos e mais que isso, estar em consonância com as expectativas das comunidades envolvidas. A responsabilidade quanto às atividades vai além do institucional assumindo a dimensão individual. Uma responsabilidade inclusive em relação a outros jovens como eles que vierem a ingressar na UFS e aí ter a possibilidade de encontrar um programa como o *Programa Conexões de Saberes*. Assim, prazer e angústia somam-se ao desafio, o desafio diante dos “outros”¹⁵ e de si mesmo.

Se depender de nós, tentaremos dar o melhor para tentar manter o projeto com qualidade e continuidade (...).

Estou ansiosa, tem muitos estudantes que precisam de oportunidade, pretendo lutar por essa oportunidade. Tem comunidade que precisa e não tem oportunidade, é disso que precisamos no Brasil.

Nesses momentos iniciais de participação no *Programa* os jovens falam discretamente da questão financeira e destacam a realização pessoal que aparece vinculada à demanda por justiça social e igualdade num discurso de denúncia e de engajamento em relação a “mudança na pessoa”, a “transformação social”.

Por estar fazendo uma realização pessoal, isso nos propicia prazer, além disso iremos receber pagamento.

Agora esse papel de projeto de transformação social tem que estar inserido para agir em conjunto, é aí que está essa aventura (...).

Não só com técnicas da pedagogia, mas também com a questão de conscientizar para o acesso à justiça, ao direito a ter direitos.

Apesar do engajamento com a “transformação social” é raro encontrar, entre os jovens, um discurso político mais sistematizado indicando um recorte de classe:

Pessoas que historicamente foram excluídas do processo produtivo, que estão num processo de alienação, por não compreenderem o momento histórico e a situação econômica na qual elas estão inseridas, não têm armas para lutar contra essa problemática. Como iremos trabalhar com pessoas que fazem parte de comunidade carente, essas pessoas vivem naquela histórica relação de dominador e dominado. Só que elas não percebem que elas são dominadas dessa forma, como essa outra classe mantém essa hegemonia. Então nós somos portadores desse novo conhecimento que iremos implementar lá.

PALAVRAS FINAIS

Ainda que os jovens acreditem na força da ação política e pedagógica, um outro aspecto emerge de modo relevante: o uso de si mesmo como exemplo. Eles mesmos são o exemplo de que é possível vencer todos os obstáculos, mesmo que às custas de sofrimento e luta constante. Desse modo, no trabalho que desenvolvem junto às comunidades, mais do que colocarem em operação conteúdos e métodos que aprenderam no processo de escolarização, incluindo a universidade, colocam em operação o seu próprio exemplo como uma representação simbólica do objetivo perseguido nesse trabalho: mudar a ordem injusta do mundo ou, ao menos, contribuir para isso.

Talvez por termos vindo de comunidade pobre, irá motivar de certa forma. Acredito que eles vivenciando os nossos exemplos de conquistas, irão se espelhar e perceber que eles também podem. Além do

conhecimento que iremos passar da vida acadêmica, eles também irão ter em nós certa inspiração.

O uso de si mesmo, o engajamento de si mesmo, transforma esse jovem na própria articulação entre saberes e mundos distintos. Há, portanto, uma identificação entre os jovens e as comunidades onde trabalham e assim o sucesso de um se confunde com o sucesso do outro: ajudar à comunidade é, portanto, uma contribuição para uma mudança sociopolítica. Mas nessa lógica da identificação há o risco de uma postura vanguardista que entraria em tensão com as motivações e o engajamento em transformar a sociedade. Esse aspecto foi também explorado nos grupos focais visando discutir qual a postura desse jovem em relação aos saberes da comunidade que pretende “ajudar”.

Irá ser uma coisa que vai e volta, irei começar dando um tipo de aula, mas não vou terminar com a mesma, pois vou aprender com eles, vou ver como eles pegam melhor, como eles vão aprender melhor, com isso passarei a analisar o que eles estão mais dispostos a aprender.

Nós que trabalhamos na parte de desenvolvimento local, o primeiro passo teremos que ir lá e conhecer, iremos buscar como é que eles trabalham, como é que se sobrevive excluído desse sistema capitalista trabalhando como artesão. Depois desse primeiro momento é que nós iremos voltar a estudar e tentar aprimorar a forma de manejo, de como eles trabalham com o artesanato. De qualquer forma está havendo uma troca.

Compartilhar os conhecimentos que adquirem na universidade com as comunidades em que trabalham é um desafio considerável para esses jovens estudantes. Um desafio que carrega uma tensão básica: o fato de ser agora um jovem universitário simboliza um convite a se distanciar dos saberes e referências das comunidades. Entretanto, foi justamente o fato de sua matriz social ser de origem popular que contribuiu para seu ingresso no *Programa Conexões de Saberes*. Como se não bastasse ele é convidado a trabalhar no sentido de aproximar mundos distintos: a comunidade popular e a universidade, fazendo uso de si mesmo e dos conhecimentos que vai adquirindo também na universidade. Contudo,

a experiência da vida universitária mostra-se marcada pelo individualismo.

Há de fato aí uma contradição que a princípio pode parecer um fardo para esse jovem. Ele já não é mais tão simplesmente membro de uma comunidade popular como qualquer outro, ele é também um estudante universitário, mas não um universitário típico originário dos setores médio da sociedade.

Ele é um jovem estudante universitário oriundo das camadas populares que vai produzindo várias possibilidades de lidar com esses conflitos: significar sua experiência de formação universitária a partir de sua origem popular e assim subverter a própria lógica individualista da universidade pública, ao menos para si mesmo; renunciar; continuar lutando são apenas algumas que podemos indicar.

1. Doutora em Ciências da Educação, Universidade de Paris 8. Professora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade.

2. Doutora em Ciências da Educação, Universidade de Paris 8. Professora Adjunta — Dep. Educação da UFS. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

3. Cerca de 49% do desemprego nacional corresponde à faixa etária de 15 a 24 anos, totalizando 3,3 milhões de jovens desempregados no país (Pochmann, 2001).

4. Os grupos focais foram transcritos e mantivemos a mesma forma nas citações utilizadas.

5. Mantivemos a escrita elaborada pelos bolsistas corrigindo apenas pontuação e erros básicos de ortografia.

6. Apesar de raros, há relatos em que a mãe não aparece como aquela que valoriza o estudo, o que em nada reduz a importância atribuída ao seu papel quando o assunto é “família lutadora”.

7. São muito raras as “Caminhadas” em que a figura do pai aparece associada à mobilização escolar dos jovens bolsistas.

8. Esse é o título que o jovem João atribui à sua “Caminhada”.

9. Carla não foi aprovada no vestibular na primeira tentativa, mas com as aulas de reforço escolar pode assegurar o dinheiro necessário para uma segunda tentativa.

10. Educação de Jovens e Adultos.

11. Cerca de 13,6% dos jovens registram outros motivos.

12. Optamos por organizar dois grupos envolvendo jovens dos dois sexos devido ao número de jovens (25).

13. Os grupos focais foram conduzidos por um professor com ampla experiência de pesquisa com

essa metodologia. Optamos por essa estratégia para evitar qualquer tipo de constrangimento que pudesse ser causado pela presença de coordenadores que, apesar da boa relação, são efetivamente superiores hierárquicos.

14. Aqui os jovens se referem a uma das atividades: um pré-vestibular popular. Os jovens são responsáveis por planejar e realizar as aulas com o acompanhamento pedagógico da coordenação geral.

15. Por “outros” diz-se a sociedade em geral, os colegas, a família, as comunidades junto às quais atuam pelo *Programa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORI, C. & DURHAM, E. R. (2000). *Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro*. Brasília: INEP. Consultado em Janeiro de 2007 em <http://www.publicações.inep.gov.br/resultados.asp>.
- CHARLOT, Bernard (2000). *Da Relação com o saber. Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ARTMED.
- CHARLOT, Bernard (2005). *Relação com o saber, Formação dos Professores e Globalização*. Porto Alegre: ARTMED.
- CHARLOT, B. (2006). *Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam*. Aracaju: Unesco.
- POCHMANN, M. (2001). Raízes da grave crise do emprego no Brasil. In A. GOMES (org.), *O trabalho no século XXI: considerações para o futuro do trabalho*. São Paulo: Anita Garibaldi, pp. 35-48.
- SCHWARTZ, Yves (1987). Travail et usage de soi. In M. BERTRAND *et al.*, *Je, Sur l'Individualité*. Paris: Messidor, pp. 181-204.
- SPÓSITO, M. P. (1994). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social — Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 5, 1-2, pp. 161-178.
- ZAGO, N. (2006). Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 11, 32 (maio/ago), pp. 226-237.